

FPE 2008/01/03

*"Podemos aprender a ser livres estudando
na falta de liberdade."*

Paulo Freire



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS BÁSICOS
CURSO DE FILOSOFIA

**O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE NUMA
VISÃO PEDAGÓGICA DA LIBERTAÇÃO**

Laura Rodrigues dos Santos

São Luís - Ma.
1997

CDD 370.1
CDU 37.01

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS BÁSICOS
CURSO DE FILOSOFIA

**O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE NUMA
VISÃO PEDAGÓGICA DA LIBERTAÇÃO**

Laura Rodrigues dos Santos

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da UFMA, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

São Luís - Ma.
1997

**O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE NUMA
VISÃO PEDAGÓGICA DA LIBERTAÇÃO**

Laura Rodrigues dos Santos

Aprovada em . / /

BANCA EXAMINADORA

Plínio Santos Fontenelle (Orientador)
Prof. do Departamento de Filosofia

1º Examinador

2º Examinador

AOS MEUS PAIS:
Laura Braz dos Santos e José Rodrigues
dos Santos (*in memoriam*) pelo exemplo
de vida

*"Podemos aprender a ser livres
estudando nossa falta de liberda-
de."*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Departamento de Filosofia, pela participação na minha formação acadêmica e humana.

Ao professor Plínio Santos Fontenelle, por ter acompanhado com muita dedicação a produção do nosso trabalho.

A Tatiana Rocha Cruz, pela amizade e contribuição na confecção deste trabalho.

A todos aqueles que, de uma forma ou outra, tiveram participação neste trabalho.

SUMÁRIO

		p.
1	INTRODUÇÃO	7
2	FILOSOFIA E LIBERTAÇÃO	10
2.1	O processo de conscientização do oprimido	17
2.2	A proposta de mudança no ideário pedagógico	24
3	ELEMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	31
3.1	A relação de marchas e contra-marchas do aspecto pe- dagógico e político na educação.....	35
3.2	A libertação enquanto processo educativo conforme o pensamento de Dussel e Freire	39
4	EDUCAÇÃO LIBERTADORA: UMA FILOSOFIA PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE	43
5	CONCLUSÃO	50
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	53

CDD 370.1
CDU 37.01

O PENSAMENTO DE PAULO FREIRE NUMA VISÃO PEDAGÓGICA DA LIBERTAÇÃO

*Laura Rodrigues dos Santos**

No presente trabalho, faz-se uma abordagem sobre a evolução histórica da Filosofia da Educação Brasileira. Focaliza-se a proposta educacional de Paulo Freire, procurando voltar-se para um dos aspectos mais importantes que é a libertação dos oprimidos.

1 INTRODUÇÃO

Há um clima de evidente insatisfação e perplexidade, hoje, no setor educacional. A confiança que perpassava o trabalho dos educadores — sem embargo das divergências — foi substituída, de uns anos para cá, pelos determinantes do ritmo e da direção do desenvolvimento dos sistemas educacionais nas sociedades capitalistas contemporâneas, tomando por base a delimitação da natureza das política

* Aluna concludente do Curso de Filosofia da UFMA

sociais em seu conjunto e a especificidade da educação como política social, assim como as mudanças qualitativas ocorridas na economia, nas relações de poder e nas relações sociais globais no Brasil, que ensejaram o surgimento de propostas educacionais diferentes.

Portanto, considerando o processo educativo como sendo o de transmissão de conhecimento, a educação compreendida dentro do seu contexto histórico-social determina no seu bojo os interesses que estão em jogo nas relações sociais dominantes, no sentido da manutenção do *status quo*.

Verifica-se, portanto, a necessidade de uma reflexão filosófica sobre a educação numa nova pedagogia que permita a aprendizagem, quebrando o vínculo com as ideologias alienantes e transformando o processo educativo num veículo de mudança global do homem e da sociedade.

Este trabalho apresenta num primeiro momento um histórico-epistemológico da filosofia e da libertação como centralidade no debate contemporâneo do homem no seu meio social.

Entendendo que a dinâmica estrutural do processo educativo vigente conduz a dominação de consciências, reflete-se então, sobre esse processo e procura-se estabelecer considerações sobre a mudança do ideário pedagógico onde o oprimido tenha condições de descobrir-se como sujeito de sua própria destinação histórica, mas proporcionando-lhe a libertação.

O posicionamento frente a esta problemática gera necessidade de discorrer em seguida sobre a evolução histórica da Filosofia da Educação Brasileira, fazendo um recorte filosófico de um saber existente, definido nos seus aspectos cultural, social, histórico e político no Brasil.

Para aprofundar este assunto, tenta-se articular a libertação enquanto processo educativo conforme o pensamento de Paulo Freire que se preocupa em formular uma pedagogia para a sociedade tornar-se mais democrática. Como também o pensamento de Dussel, mostrando sua preocupação com a filosofia e a ética da libertação. isto porque ao abordar o campo educacional é necessário compreender a libertação no seu amplo sentido. Como também o pensamento de

Paulo Freire, que se preocupa em formular uma pedagogia para a sociedade tornar-se mais democrática.

Entretanto, a preocupação central deste trabalho é delimitar a Educação Libertadora caracterizando a construção que surge da prática e em que condições ela pode ser libertadora, conforme afirma Paulo Freire, que emerge de um sertão nordestino de um Brasil massacrado pela miséria social e econômica.

Concluindo, é possível afirmar que este trabalho procura lançar a ação libertadora da educação como prática de liberdade para uma sociedade mais democrática.

2 FILOSOFIA E LIBERTAÇÃO

O salto que se pretende acompanhar, aqui, é o que traz a proposta da libertação do homem tanto no âmbito de sua individualidade — afirmada e exercida frente ao mundo — quanto na eliminação das amarras que outros homens, sistemas e regimes lhes criaram e o submeteram, tornando-o objeto. Trata-se, portanto, de buscar as rela-

ções e os processos que o encorajem a substituir, na medida dos acontecimentos a posição de sujeito de sua própria história.

A filosofia é o recurso humano de interpretação do mundo e das implicações que o ser humano medeia com a sua existência no mundo. E é essa abrangência do existir que o homem age sobre o mundo, porque se ele existe pressupõe-se que torne evidente sua existência. Por conta de ser e estar no mundo o ser humano tem um agir.

A existência do ser humano aceita por ele mesmo e sendo levada em conta pelos demais implica, por conseguinte, num compromisso de atitudes, ou seja, enquanto ele se descobre e se assume, é descoberto e assumido pelo outro. O ser humano não existe impunemente, ele é responsável por seu existir e no que isso significa da responsabilidade no mundo.

"A introdução às considerações sobre a Revolução Francesa indica-nos o ponto de origem dessa instituição do homem responsável. Foi ao autor do Emílio ou sobre a educação que Fichte recorreu quando percebeu em Rousseau o homem mediante o qual 'o espírito humano avaliou-se ele mesmo'. Foi em consequência do prefácio de Emílio, onde Rousseau escreveu 'Pais e mães, o que é

*Jactível é o que vós vos quereis fazer', que Fichte, por sua vez, pôde escrever: 'O homem pode aquilo que deve, e quando ele diz não posso, é porque não quer'. Logo é no âmago de uma filosofia da educação que pode enraizar-se essa instituição do sujeito, criação do homem por ele mesmo, formação, transformação da natureza humana. A educação afirma-se como o lugar desse nascimento do homem, nascimento pelo qual só o homem pode ser considerado responsável."*¹

Há muitos problemas teóricos que, nos limites deste trabalho, não há como detalhar, no entanto requer um ventilação para uma maior compreensão de como se dá o processo de libertação. Verificando-se que tanto Kant como Fichte, trabalham a questão do livre-arbítrio, onde a potencialidade que tem um ser humano para optar pelo caminho que achar melhor, o que pode ser estendido a uma pedagogia, onde:

*"(...) a escola pode ser uma cultura por coerção, justamente pelo fato de a coerção não se exercer sobre o que se visa dignificar, mas sobre a má utilização do arbitrio, que impediria essa elevação rumo à liberdade moral."*²

Assim, chega-se a questão chave que ora mobiliza esta reflexão que é a de enfatizar o aspecto do assumir do ser humano perante si mesmo e perante o mundo, no que se refere ao seu envolvi-

¹ VICENTI, Luc. Educação e Liberdade: Kant e Fichte. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista. 1994, p.11.

² Op. Cit. P.24.

mento com a realidade que o cerca e onde ele participa, atinge e é atingido, numa práxis interativa e compromisso de profunda responsabilização.

Sobre tal aspecto, Paulo Freire comenta:

*"A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir. É preciso que seja capaz de , estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar."*³

Esta questão porém, está conexas com outra de maior profundidade que é o pressuposto para a libertação, onde torna-se possível construir um caminho, estabelecendo uma postura crítica do ser humano, perante a sociedade a partir de um ponto central de referência, gerando um campo de luta interna, onde o pensamento é concomitante com as novas expectativas de mudança.

Torna-se imprescindível, por conseguinte, compreender os caminhos e implicações criadas e trilhadas pelo homem na instalação dos esque-

³ FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 20ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1994, p.16.

mas e estruturas que o levam a dominar outros homens e em que momentos se dá a ruptura e acontece a tomada de consciência pela busca da libertação.

"Somente quando se sabe o que é o homem, pode-se afirmar o motivo de todos os seus empreendimentos e lutas, quais os valores morais que devem ser cultivados e mantidos, qual o tipo de sociedade que melhor responde a seus anseios de liberdade. (...) Por conseguinte, todo sistema educacional pressupõe uma filosofia do homem e de acordo com Jacques Maritain 'A questão 'O que é o homem' é o inevitável preâmbulo de qualquer filosofia da educação".⁴

Desse ponto de vista do sujeito, o conhecimento é o produto de uma subjetividade autônoma que estabelece as regras e os procedimentos necessários para tal empreitada deste conhecimento. Neste sentido é que, Paulo Freire na sua filosofia da educação tem como finalidade libertar o homem, propondo que a busca em torno da questão 'O que é o homem' seja de forma consciente, isto é, passa da consciência ingênua à consciência crítica, tomando parte da luta contra todas as formas de opressão e alienação do conhecimento.

⁴ OLIVEIRA, Adnardo Serafim de .Filosofia e Educação. In Introdução ao Pensamento Filosófico. São Paulo, Loyola, 1981 p.68

Esse ideário da Educação Libertadora de construção da autonomia, que passa pelo raciocínio, pelo inventar, pelo aprender a aprender, pelo diálogo, pelo desenvolvimento da auto-estima e da auto-imagem, não vem acontecendo nas práticas educacionais, sobretudo o que ocorre nas escolas pública ou particulares, têm traduzido a negação constante desse ideário, pois não há espaço para absorção da diversidade, do desconhecido, do novo, não há espaço para o reconhecimento de contradições culturais, representada por cada criança e toda sua história pessoal e familiar. Essa "educação" sem propósito, sem direção e desengajada da realidade favorece o status quo.

O pensamento de Paulo Freire, que gesta e vetoriza todo o cerne de sua obra e matiza cada instante da pedagogia com que trabalha é o do seu pensar e do seu agir.

Francisco C. Weffort, no prefácio de "Educação como Prática da Liberdade" esclarece:

"A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. (...)

*A compreensão desta pedagogia em sua dimensão prática, política ou social, requer, portanto, clareza quanto a este aspecto fundamental: a idéia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se."*⁵

É preciso, porém, que fique claro uma coisa: uma Educação Libertadora, cujos instantes primeiros ou registros mais remotos já podem ser encontrados na civilização clássica grega, atravessa os séculos de modo residual, afluindo aqui e acolá, desaparecendo pelo jugo da escola autoritária, e nesse primeiro ponto de vista a Educação Libertadora surge questionando concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens, visando a transformação consciente, coerente e livre dos obstáculos gerados pela opressão, daí ser uma educação crítica.

Em conseqüência desta determinação social, é que Paulo Freire elabora um conjunto de idéias concatenadas para romper com o autoritarismo da educação, enquanto braço forte das classes dominantes, propondo como saída lógica e utópica a ser alcançada uma pedagogia cuja função é o "clarear" a mente do educador para que ele

⁵ WEFFORT, Francisco C. Educação e Política: Reflexões Sociológicas sobre uma Pedagogia da Liberdade. Prefácio de "Educação como Prática da Liberdade", de Paulo Freire. 22ª Ed. Rio de Janeiro, p. 13-7.

encontre e construa o caminho por onde poderá obter o conhecimento e seja mediador nessa relação complexa de muitos momentos articulados, em que a consciência dessa relação pode estar explícita ou não, ser mais ampla ou mais restrita e em que a própria recusa do reconhecimento desta relação expressa e contribui para a efetivação do conhecimento crítico.

2.1 Processo de Conscientização do Oprimido

As reflexões feitas anteriormente possuem um breve histórico sobre o desenvolvimento do processo educacional que contribui para desvelar a realidade social de opressão. Esse modelo arma a organização dos conteúdos de conhecimento em torno do controle social, como um dado de realidade visando experiências e estados de consciências voltados à proteção social ao longo da sua história.

Pode-se argumentar dentro da conjuntura social e política que este processo de proteção social é falso e se opõe a problemática da libertação como uma necessidade de resgate da dignidade humana dos povos.

Percebe-se que Paulo Freire, num esforço metodológico expressa suas idéias, promovendo uma grande e substancial transformação do pensamento educacional, onde explica o significado da ação social na pedagogia do oprimido, possibilitando desta maneira uma abertura para a mudança no processo educativo, onde pensa a ação mediada pelas estruturas existentes, destacando no entanto a ação dos indivíduos, sua capacidade criativa, ativa, inventiva, concebendo essa ação em campos configurados por relações de força, numa fecunda articulação da teoria e da prática, isto é, onde a objetividade do conhecimento delimita uma estratégia cognitiva decisiva ao enfatizar a exigência destes com a totalidade.

Neste sentido, o método de conscientização de Paulo Freire refaz criticamente esse processo dialético de historização. Como todo bom método pedagógico não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem; com ele o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e exercê-la. A pedagogia aceita a sugestão da antropologia : impõe-se pensar e viver a educação como meio para uma prática que liberta.

Concorda-se com Paulo Freire quando diz:

*"Minha perspectiva é dialética e fenomenológica. Creio que a partir daí, deve-se buscar a superação desta relação antagônica e isto não pode ser feito a nível idealista. Basta diagnosticar cientificamente esse fenômeno para que se estabeleça a exigência da educação como ação cultural de caráter libertador, através da qual pode-se propiciar a extrojeção da consciência dominadora que está 'habitando' a consciência oprimida. Educação como ação cultural libertadora que seja capaz de permitir, à consciência oprimida, a extrojeção da consciência opressora que nela habita."*⁶

Esta superação é alcançada através de uma educação que visa libertar os oprimidos de toda forma de opressão e escravidão ,onde se constrói o pessoal e o social aberto aos outros , à natureza e ao universo como um todo.

Desta forma a pedagogia de Paulo Freire, vem resgatar o sentido de todo o projeto histórico para a humanização, num processo maior de libertação, tendo como exigência radical que o oprimido reconheça sua condição, desvendando seu mundo de opressão e percebendo os mitos que o alimentam , isto é, a exigência da transformação da situação concreta que gera sua opressão.

⁶ TORRES, Carlos Alberto. Diálogo com Paulo Freire, São Paulo, Loyola. 1979, p.14.

Cabe, *assim*, ventilar que o Método de Alfabetização* de Paulo Freire, através de inúmeras aplicações bem sucedidas em vários países, é o meio pelo qual o oprimido descobre o mundo e a posição que nele ocupa. Ao desenvolver sua capacidade de leitura e escrita, a sua vivência ganha outro significado, passando a ver e a viver de acordo com a sua própria vontade, independente da ideologia da classe dominante, pois já é capaz de dizer a sua própria palavra. Quando esta questão não é levada a sério, não houve de fato conscientização e a condição de oprimido continua. Reafirma-se, que o fundamental dessa proposta é a conscientização, considerando que em Paulo Freire vamos encontrar uma leitura totalmente nova da questão da dominação entre as pessoas. Discute a relação opressor x oprimido dentro de um contexto sócio-econômico, mas cujos ditames estão imbricados nas decisões e práticas políticas. Como afirma Schmied-Kowarz:

* Alfabetizar-se é aprender essa palavra escrita em que a cultura se diz e, dizendo-se criticamente. Portanto a alfabetização não é um jogo de palavras é a consciência reflexiva da cultura.

“O iluminismo e o idealismo desvendaram o problema da dominação partindo de vias de acesso diversas, e ambos atingiram um limite em que a emancipação era subjugada pela sua própria contradição’. Subestimando o poder político, ambas tinham apostado unicamente na formação cultural: de um lado, não percebendo corretamente a contradição com o poder político, pelo convencimento de poder esperar a libertação do homem graças à evolução da razão; de outro lado, na tentativa de, numa distância consciente do poder político, permitir amadurecimento da autonomia da razão enquanto força de resistência e oposição.”⁷

O que se entende aqui é que a educação não se dissocia da política, pois uma educação que visa a libertação do homem, opta pelo desenvolvimento da consciência política.

A partir de um referencial histórico percebe-se que a politização se faz necessária ao projeto político social da educação libertadora, a fim de desvelar os mecanismos ideológicos que estão presentes nas estruturas sociais preponderantes. Sabe-se que as escolas reproduzem esse sistema vigente, embora algumas tentativas de discutir temas pertinentes a esses mecanismos ideológicos tenham sido feitas, essas discussões não mostram com rigor os privilégios de uma minoria que são sustentados pelas discriminações de uma grande maioria.

⁷ SCHMIED - KOWARZ, Wolfdiétrich. *Pedagogia Dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. Trad. Wolfdiétrich Leo Maar. 2. ed. Brasília: Brasiliense, 1988, p.120.

No entanto, os oprimidos acomodados e adaptados, "imersos" na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la e quebrar os mitos e tabus que os tornam cada vez mais aprisionados e quando descobrem em si o anseio por libertar-se, percebem que este anseio só se torna concreto na concretude dos outros, ficando evidente que quanto mais conscientizados se tornarem, mais capacitados estarão para anunciarem e denunciarem graças ao compromisso de transformação que assumirem consigo mesmo.

Essa é a descodificação que a educação precisa levar ao povo, um nível crítico de conhecimento, começando pela própria experiência da sua situação e do seu contexto real. Sem dúvida quando os homens percebem a realidade e analisa a sua ação sobre a mesma, estão construindo a sua consciência crítica dentro do seu processo histórico.

Essa abordagem ajuda a percepção da necessidade de uma prática política questionadora, problematizadora, para superar as práticas reprodutoras da ideologia dominante, abrindo espaço para o diá-

logo franco e honesto, que proporcionará a formação de uma consciência crítica capaz de conhecer e transformar.

Por estas razões, a educação libertadora é um plano político social que traz esperança à nossa realidade social.

Daí, porque, torna-se imprescindível colocar que, na Pedagogia Libertadora, o processo de conscientização do oprimido tenha a sua marca essencial no dinamismo transformador, onde o compromisso histórico do indivíduo se faz e se refaz na prática social, isto porque só na apreensão da realidade, torna-se capaz de transformar a mesma.

Fica, pois, evidente que no delineamento da utopia, Paulo Freire trabalha mostrando-a como aquilo que é possível de ser realizado, constrói uma Pedagogia da Esperança, onde precisa da prática para torná-la concretude histórica, tendo importância em nossa existência individual e coletiva. Todavia o pensamento de Paulo Freire não tem nenhum apego ao abstracionismo. A sua teoria não está aprisionada a um universo vazio do real, pelo contrário, o que ele teoriza, desvela e

propõe é uma leitura do mundo e da realidade em que está imerso o ser humano.

Neste caso cumpre salientar que a relação opressor e oprimido está impregnada culturalmente, necessitando que o oprimido reconheça a cultura da dominação e partindo dessa percepção do mundo opressor, venha concretizar a expulsão dos mitos criados e desenvolvidos na estrutura opressora que o impedia de desenvolver o processo de libertação.

No centro desta argumentação está a percepção de que a formação de consciência é instrumento essencial para uma pedagogia articulada com uma percepção de mundo e de sociedade e que seja a expressão do movimento da prática social libertadora.

2.2 A Proposta de Mudança no Ideário Pedagógico

Torna-se, evidente, a necessidade de ventilar alguns aspectos históricos que serviram de marco de ordenamento, que gestaram a proposta de mudança de Paulo Freire.

Numa primeira observação, este período da história estava medularmente marcado pela subserviência aos planos e projetos norte-americanos, cujo maior escapo era manter os países subdesenvolvidos sob o seu estrito controle e como respaldo contra qualquer avanço da URSS e de sua ideologia comunista.

Na medida em que os movimentos populares se insurgem contra esta dominação e as lutas ideológicas impulsionam a formação e as atividades dos Sindicatos, das Ligas Camponesas, dos grupos de Igrejas, dos artistas e intelectuais “engajados”, dos políticos progressistas, de estudantes, pescadores, donas-de-casa e outros, vai crescendo o poder de barganha do processo de mudança.

Entretanto, esta mudança não poderia ocorrer básica e substancialmente se não passasse pela mudança do homem, já no seu modo de ser e de agir perante o mundo. A mudança que emana do pensamento de Paulo Freire, no contexto de sua obra, possui estas duas faces, que não são verso e reverso, mas sim instantes da mesma moeda.

“A grande preocupação de Paulo Freire é a mesma de toda pedagogia moderna: ‘uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política’. Nas linhas de sua filosofia existencial sua única exigência específica, e esta exigência define claramente os termos do problema, é que ‘teria o homem brasileiro de ganhar esta responsabilidade social e política, existindo essa responsabilidade.’”⁸

No centro desta argumentação é que Paulo Freire acredita que a função da educação — pelo menos em termos dialéticos — é a de propiciar condições de discernimento, de capacidade crítica na busca do conhecimento, fornecendo ao homem uma visão clara da realidade. Entretanto, para que este homem se capacite a entender o mundo à sua volta e possa agir sobre ele conscientemente, é preciso que se instrumentalize convenientemente. Ele terá que se inscrever num processo de mudança, o que é apresentado por Paulo Freire no bojo de sua obra, como atividade motivada por uma pedagogia diferente, revolucionária mesmo, cujo ponto de partida está no seu método de alfabetização.

Cabe realçar, que Freire pensa o homem como ser intrinsecamente ligado à sociedade, ou seja, ele não pode se furtar, de modo algum, às influências, regras e controle da sociedade onde está inse-

⁸ WEFFORT, Francisco C. Op. Cit. p.20.

rido. Diante disso, para mudar qualquer aspecto da sociedade, o ser humano tem que disponibilizar-se para a mudança.

A esse respeito Paulo Freire afirma que:

“A primeira característica desta relação é a de reflexão sobre este mesmo ato. Existe uma reflexão do homem face à realidade. O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente, de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade)”⁹

Cabe frisar que a obra de Paulo Freire pauta-se exatamente por estes dois postulados, a conscientização e a mudança. A formação de uma consciência crítica é a coisa apriorística a qualquer outra instância de sua proposta educacional. Como já aludimos, em páginas anteriores, esta postura de claro conhecimento da realidade é que vai suscitar no indivíduo o interesse pela mudança e produzir, no processo e como fim específico, a transformação da realidade, pois o ser humano conscientizado já estará municiado para dar o salto de qualidade e não mais submeter-se imune aos ditames do opressor.

⁹ FREIRE, Paulo. Op. Cit., p. 30.

Apresenta-se, por conseguinte, um diedro formado por um plano horizontal, onde está situado o homem como indivíduo que vai encontrar a si próprio e reconhecer-se como sujeito de sua história e protagonista da história social de sua família, de sua rua, de seu bairro, de seu clube ou grêmio, associação trabalhista, desportista, cultural, religiosa, etc., e um plano vertical, onde à medida em que ele se reconhece como senhor de seu destino, passa também a crescer junto com as outras pessoas num plano vertical que é ao mesmo tempo, projeção de si e de seu auto-conhecimento, como também uma nova realidade, consubstanciada na mudança que ele assumiu.

Consoante a esta perspectiva, Paulo Freire trata da mudança dentro da sociedade como forças que se opõem, interagem e podem ser estudados também sob o bastão científico. Considerando esta situação Paulo Freire enfatiza que:

“Efetivamente a mudança e a estabilidade, o dinamismo e o estático, constituem a estrutura social. Não há nenhuma estrutura que seja exclusivamente estático, como não há uma absolutamente dinâmica (...). Não há permanência da mudança fora do estático, nem deste fora da mudança. O único que permanece na estrutura social, realmente, é o jogo dialético da mudança - estabilidade. Desta forma, a essência do ser da estrutura social não é a mudança nem

*o estático, tomados isoladamente, mas a "duração" da
contradição entre ambos.*"¹⁰

Percebe-se, daí, que a dialeticidade entre mudança e estabilidade é indispensável para que o ser humano não permaneça aderido ao contexto, mas procure problematizá-lo, para reconhecer-se como homem capaz de pensar, agir, crescer, transformar e não acomodar-se a uma realidade cruel e desumana.

Tudo isso nos permite entender que a educação deve ser colocada como elemento preponderante para que essa mudança ocorra. A Pedagogia Libertadora coloca-se como o instante em que essa coisa pode acontecer.

É claro que, neste caso, ela se fortalece na esperança. Sem este apelo a uma possibilidade sonhada, torna-se impossível realizar qualquer projeto de libertação do homem massacrado pelos pesados tanques do capitalismo, do consumismo, da concorrência brutal. A filosofia educacional de Paulo Freire abjura o derrotismo, o negati-

* (Bergson: conceito que significa tempo real em oposição ao de tempo artificial ou qualitativo dos matemáticos e das físicos)

¹⁰ FREIRE, Paulo. Op. Cit. p.p. 45-46.

vismo e o fatalismo. Ela é utópica no sentido de o sonho planejado ser alcançado.

Paulo Freire considera que seria muito difícil alguém viver sem esperança, pois ela faz parte das características da existência humana, isto é, antes mesmo da experiência existencial, a esperança já acompanhava o homem. A esperança é então uma condição básica para a construção e reconstrução do mundo. Dentro deste contexto, a própria vida constrói ou destrói esperança e vice-versa. Cabe realçar que a esperança trabalhada por Paulo Freire não significa ficar parado, esperando os acontecimentos de forma contemplativa, ela deve ser uma razão para a luta.

Entende-se, portanto, que a percepção dialética dessa construção determina que o futuro com que sonhamos, temos de fazê-lo, produzi-lo com o concreto que dispomos e mais com o projeto, com o sonho pelo qual lutamos. É exatamente neste ponto que se coloca a importância da educação enquanto ato de conhecimento possibilitando a concretização da mudança.

3 ELEMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

O que nos interessa tratar sobre o processo da educação no Brasil é destacar as implicações da política educacional na sua evolução histórica e as mudanças sofridas pela sociedade nos diferentes sistemas de governo.

De acordo com a literatura existente, o Brasil não tem sido contemplado, desde a sua formação como nação, com um sistema de ensino, com uma política educacional que sirva ao povo, que capacite sua população a promover o desenvolvimento e usufruir das riquezas construídas.

O governo colonial sob o comando dos portugueses, cuidou bem mais de tomar posse dos bens aqui produzidos, não permitindo condições de estudo, pesquisas, aperfeiçoamento, deixando o país numa estagnação cultural no tocante à tecnologia e à ciência. por mais de três séculos.

O povo brasileiro, esteve, assim, sempre submetido a designios estrangeiros ou sob a manipulação de grupos políticos e econômicos, que nunca primaram pelo verdadeiro patriotismo, cuidando tão somente de seus interesses particulares, do enriquecimento próprio, preterindo o progresso social, impedindo que as pessoas usufríssem de boas escolas.

A filosofia educacional implantada privilegia o razoável, o “quebra-galho”, o “jeitinho”, a improvisação, a qualidade de “meio caminho andado”, não dando valor à busca da excelência, da otimização. Contudo, torna-se imperativo que seja discutido um pouco acerca do que é uma filosofia da educação, numa compreensão do que temos apresentado até agora. Ficamos com o que nos esclarece Gadotti:

“A filosofia da educação não é uma iniciação à filosofia antiga ou contemporânea. Seus limites situam-se exatamente entre a educação e a pedagogia atual, as ciências da educação de um lado e a filosofia do outro. Em outras palavras, o que a filosofia da educação aborda numa perspectiva filosófica que ‘dá a pensar’ à filosofia, é a situação da educação e da pedagogia como se encontram atualmente.”¹¹

¹¹ GADOTTI, Moacir. *Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1991, p.37.

A Filosofia da Educação vai implicar na formulação de uma nova educação sempre que ela, a Filosofia da Educação, for chamada a comparecer, tal como acontece nos demais quadrantes das atividades humanas, isto é, a filosofia é atividade apriorística, do ser humano, a qualquer outra.

Só que, cada vez em que é praticada uma filosofia, vale dizer, toda vez em que alguém filosofa acerca de algo, é lícito supor que vai haver um novo enfoque, ainda que seja a retomada de um pensar antigo, mas agora ele já é novo, porque são outras as circunstâncias.

Mas, por outro lado, a Filosofia da Educação exige que haja uma educação da filosofia, ou seja, ela só existe se houver uma apreensão da realidade educacional e sobre quais são as pessoas a quem se destina a educação. Gadotti nos adianta ainda:

"(...) a educação deve representar para a filosofia um autêntico desafio. E, neste caso, sua principal tarefa consistirá em ajudar os homens a enfrentar esse desafio, em não depor armas em face rumo dos acontecimentos, mas em tentar dar-lhes novos rumos voltados para uma perspectiva humana, ajudando a definir e a delimitar constantemente essa perspectiva."¹²

¹² GADOTTI, Moacir. Op. Cit. p.37-8.

Feitas estas considerações, pode-se entender com clareza, o que se passa no arcabouço dos modelos que têm imperado no Brasil, para a formulação de projetos, planos e estratégias educacionais.

A mudança que se propõe para a educação brasileira, visa a formação de um ser humano integral, respeitando seus anseios, respeitando ainda quando educando em contato com um educador que não é “dono da verdade” e não se vale da autoridade para impor-se como educador.

O educador deve ser comprometido com a educação e Paulo Freire nos deu esse exemplo, pois embora longe de sua pátria, jamais deixou de acompanhar a evolução política e educacional brasileira, ao contrário, esses anos lhe proporcionaram momentos de muita esperança e otimismo, a partir da convivência com outras realidades — é bom frisar que este otimismo que sempre embalou o pensamento de Paulo Freire está pautado no olhar crítico da realidade — com a certeza de estar lutando ao lado dos oprimidos.

Com o seu retorno ao Brasil, a educação brasileira, se encheu de ânimo, maior lucidez, despertando nos brasileiros a importância da sua história educacional.

No entanto, as experiências indicam que só é possível levar adiante uma educação verdadeiramente libertadora, quando, simultaneamente, faz-se um trabalho de organização da comunidade, porque é através do envolvimento da comunidade e da articulação com os movimentos sociais que o conhecimento se produz organizado, promovendo assim a libertação.

3.1 A Relação de Marchas e Contra-Marchas do Aspecto Pedagógico e Político na Educação

Segundo Paulo Freire é impossível uma educação neutra, isto é, uma pedagogia que fique distante dos problemas sociais e que de alguma forma não interfira diante dos fatos.

A educação além de desenvolver a capacidade intelectual do ser humano, deve encaminhá-lo a participar das discussões sobre as

questões políticas do seu tempo, a fim de possibilitar o desenvolvimento de suas capacidades e de sua humanização, além de estabelecer um novo convívio social, onde as diferenças de classes possam ser superadas.

No contexto político-social do povo brasileiro, a função do educador permeia-se de compromentimentos para com o desenvolvimento do que está por detrás ou antes dos fatos, quando estes já são conseqüências, o produto quase derradeiro de atos políticos, que determinam posturas culturais, econômicas, administrativas erradas, mantenedoras de grupos privilegiados no poder, em detrimento das grandes massas populacionais oprimidas.

A Pedagogia Libertadora imbui-se de referendos que a distinguem prontamente dos outros entendimentos educacionais, ditos ortodoxos, convencionais e alienadores.

A pessoa humana é pensada, vista e cuidada sob os seguintes caracteres:

“– Sujeito de sua história.

– livre

– por ser livre, é capaz de conceber e assumir um projeto histórico de libertação, de transformação social

– é comprometida com a justiça e com dignidade como direito de todos.

– é consciente de sua situação histórica e, por isso,

– age e interage socialmente de forma crítica.

– é capaz de amar e ser amada, ser solidária e fraterna porque reconhece o outro como seu semelhante e igual em direitos, deveres e oportunidades”¹³

O homem e a mulher vistos sob esta ótica da Educação Libertadora, são reconhecidos como capazes de ultrapassar o senso comum e construir um conhecimento que será o instrumento de luta do povo pela própria libertação.

Infelizmente a educação no Brasil está em segundo plano, pois sempre esteve a serviço de um modelo capitalista dependente que exclui o professor e a educação, favorecendo a expansão do capital estrangeiro e se isentando gradativamente da parte que lhe cabe na educação, deixando a critério dos setores privados.

Para que o sistema de ensino brasileiro esteja a serviço do povo, cabe aos educadores comprometidos unirem forças para esten-

¹³ CRUZ, Carlos Henrique Carvalho. Educação Libertadora como Projeto Político Social. AEC do Brasil, n° 87, 1993. p.18.

derem a educação para todos. É imprescindível que se forme uma consciência nacional crítica, onde o povo se torne esclarecido e instruído, consciente da sua dependência externa e interna e da sua capacidade de mudança, de transformação, saber dizer não ao sistema discriminatório e injusto que se instaurou no Brasil.

A mudança deve ser promovida de baixo para cima, levando em conta o ser humano e a sua história. Tem que deixar de ser reprodutor do saber importado e construir o próprio saber, rompendo com atitudes autoritárias e resgatando a confiança do ser humano em seu destino próprio e nos rumos da civilização.

E é com Paulo Freire e sua Pedagogia Libertadora que o povo brasileiro encontra-se com uma pedagogia claramente disposta para dar ao educando condições de perceber que é capaz de promover a mudança, demandar sua libertação enquanto pessoa no mundo e enquanto cidadão que participa da vida nacional. A liberdade tem uma posição de destaque nesta pedagogia, é ela que dá sentido e leva a prática educativa a uma realização, alcançando o efeito desejado na medida em que há uma participação livre e crítica dos educandos.

Acredita-se, não obstante, que a Filosofia da Educação que serve ao Brasil para ser válida e consciente, tem que tomar como sua viga mestra, a obra de Paulo Freire.

Eminentes educadores, antropólogos, filósofos, têm escrito alentadas obras que apontam para a mesma direção de Paulo Freire, como Enrique Dussel, o qual far-se-á referência a seguir.

A via escolhida por tais teóricos, visa refazer todo o processo de libertação, propondo o redimensionamento da educação a partir da realidade na qual encontra-se nos dias de hoje.

3.2 Processo Educativo da Libertação: uma visão de Dussel e Freire

Os estudos efetuados, e aqui tomados como apoio, tem o propósito de enriquecer e chamar a atenção sobre aspectos significativos os quais envolvem a prática pedagógica que pretende ser libertadora, faz-se necessário aproximar o pensamento de Paulo Freire e Enrique Dussel, no que diz respeito a existência de projetos globais e

projetos pedagógicos de dominação, no âmbito social, econômico, político e cultural, aos quais Enrique Dussel denominou de totalidades totalizantes*.

Neste sentido, em contraposição aos projetos pedagógicos de dominação, Paulo Freire e Enrique Dussel, estabeleceram trajetórias que levam a projetos pedagógicos de libertação, pois a pluralidade da sociedade, sua diversidade de concretizar, de se organizar, exige vários projetos globais.

Considerando o contexto da economia brasileira, verifica-se que esses projetos globais estão pautadas na luta contra as injustiças nos campos social, econômico, político, educacional, ou contra outras formas de dominação, encorajando o ser humano a se apropriar do conhecimento e a produzi-lo afim de estar capacitado para lutar e ser sujeito responsável de dar à história uma direção própria e consciente.

* Além da categoria de totalidade totalizante, no campo social Dussel usa as categorias totalidade e exterioridade, que correspondem respectivamente às categorias de opressor e oprimido em Paulo Freire.

Para que melhor se compreenda a relação entre a visão de Paulo Freire e Dussel há necessidade de se esclarecer que a libertação de Paulo Freire surge a partir da própria realidade, embora coincida com Dussel, este teve a preocupação de sistematizá-la.

Percebe-se, que apesar de contextos diferentes, o ideário libertador de Paulo Freire e Enrique Dussel se fundamentam na necessidade de difundir e organizar uma práxis de transformação da sociedade.

Cumprе entretanto destacar que a libertação é um processo que deve partir de uma realidade concreta, Dussel e Freire, entendem que uma das vias para alcançar esta práxis é a educação que se propõe trabalhar a formação da consciência crítica.

Nesta perspectiva a extensão da proposta libertadora pensada por Paulo Freire e Enrique Dussel parte dos marginalizados, no entanto também se estende aos que favorecem à dominação, isto porque há uma crença no ser humano, independente da sua condição de

opressor ou oprimido o ser humano nunca será absolutamente alienado.

Portanto a abrangência da libertação intuída por Enrique Dussel e Paulo Freire, perpassa por todas as vias existenciais do ser humano tornando-se um processo revolucionário.

Assim, promover uma Pedagogia da Libertação, requer concepções a respeito das forças motrizes das ações humanas em sociedade, ou seja o que leva o ser humano a se colocar em movimento, identificando não o que o determina, mas o que limita, impedindo a sua transformação.

Contudo, as forças mobilizadoras do homem estão contidas na própria história, enquanto é na realidade que estão as possibilidades concretas.

Há, portanto, neste pensamento um imperativo que recupere a dignidade humana, demandando mudança em todos os aspectos da vida do ser humano.

Nestas colocações, percebe-se que as concepções de Paulo Freire e Enrique Dussel se complementam, possibilitando uma verdadeira Pedagogia da Libertação, onde a ação educativa será de grande valia para a sociedade.

4 **EDUCAÇÃO LIBERTADORA: UMA FILOSOFIA PEDAGÓGICA DE PAULO FREIRE**

A preocupação pela busca de “estratégias metodológicas” para a educação levou Paulo Freire a construir um edifício de bases sólidas, cujas plantas e estruturas são forjadas na análise histórica de um povo.

Na prática diária, o respeito às possibilidades e potencialidades que o povo possui de construir-se, segundo sua própria força e seu próprio conhecimento do mundo alimentou a sua obra.

Surge, com Paulo Freire uma nova forma no toque educacional, pois ele elaborou uma práxis onde entrelaça os aspectos políti-

cos, sociais e econômicos, para a emancipação das camadas populares, criando condições para transcender o saber meramente opinativo.

No entanto, deve ficar suficientemente claro que, a pedagogia de Paulo Freire é concebida por um conjunto de idéias “vivas”, que vão sacudir o proletariado, o trabalhador de baixa renda e todas as vítimas da opressão, abrindo-lhes um caminho para a percepção da realidade e a respeito de quem é o opressor.

A sua concepção abre espaço para que haja uma participação coletiva na elaboração de um conhecimento, que vai transpor o senso comum, constituindo-se em uma ferramenta de combate do povo pela sua libertação.

Obviamente, esta aceção de metodologia sugere a substituição da posição que o homem ocupa de objeto pela posição de sujeito capaz de fazer a sua própria história. Encerrando-se, aí, aquela idéia de que somente aqueles que detêm o “domínio”, tem competência para decidir o destino de todos.

Portanto, a Educação Libertadora em sua evolução e dinâmica, tem como referencial o ser humano enquanto edificador de uma cultura e construtor de conhecimento sobre o universo que habita.

Neste contexto, o processo educativo desenvolvido por Paulo Freire a “escola” autoritária é substituída pelos círculos de cultura, onde sob a orientação de um coordenador, reuniam-se homens e mulheres que através do diálogo e partindo da sua própria realidade, de fato da sua vida cotidiana, isto é, respeitando o senso comum, eram orientados no sentido de se apropriarem da palavra escrita e da leitura.

É em meio a essa constante, que se esclarece o método de Paulo Freire pois, abjura a mera repetição alienada e alienante de frases, palavras e sílabas. Convida os alfabetizandos a saírem da apatia e do conformismo que se encontram devido a determinação do contexto econômico, político e ideológico da sociedade em que vivem. Este método oferece simultaneamente, alfabetização, educação e conscientização política.

Essa nova modalidade educativa imbuí na sua proposta em o sujeito abandonar a contemplação do objeto, vendo-o agora imerso na perspectiva do conhecimento. Num primeiro momento ele estará voltado para a ação do conhecimento enquanto compreensão do significado intrínseco da composição do objeto, e, num outro instante, para sua significação extrínseca, ou seja, a relação que o objeto mantém com as suas necessidades.

Percebe-se, daí, que a realidade apreendida passa a ser um objeto cognoscível e o ser humano toma para si uma postura epistemológica, isto é, há um desvelamento crítico da realidade. Quanto mais conscientizado, maior será sua capacidade de desvelar a realidade, que deve constituir uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação. Acerca desta constatação diz Ilda R. Damke:

“(...) se queremos mudar a história precisamos estar dentro dela. Vivê-la em seu presente, aproveitar as possibilidades e os espaços de poder que o sistema deixa em aberto e propor projetos de afirmação, não da classe dominante, mas dos segmentos sociais oprimidos e marginalizados pelo sistema.”¹⁴

¹⁴ DAMKE, Ilda R. *O processo de conhecimento na pedagogia da libertação: as idéias de Freire, Fiori e Dussel*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.37.

Neste sentido, percebe-se que essa concepção parte do senso comum, que vai se ampliando e aprofundando as esferas de compreensão da realidade, onde o ser humano investe na reconstrução do mundo.

O entendimento do processo do crescimento humano no projeto educacional de Paulo Freire, mostra a sua luta contra a absorção da realidade domesticadora, propondo ao ser humano, que assuma a realidade através da ação e reflexão, isto é, se liberte por meio de uma práxis autêntica, sem a qual é impossível superar a contradição opressor-oprimido.

Visto como um ser em processo, o ser humano ao atingir a conscientização toma para si uma posição utópica em relação ao mundo, isto é, toma coragem de denunciar a sua situação de fome, miséria, de falta de oportunidade e torna público seu esforço para libertar-se não só da miséria que está aprisionado, mas também do processo de alienação cultural, moral a que foi submetido. E a respeito do que seja a utopia trabalhada nesta pedagogia, Paulo Freire esclarece:

"(...) O utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico"¹⁵

O que fica presente é que a utopia serve de referencial para a transformação e conseqüente libertação do ser humano e do mundo. É importante ressaltar que a utopia trabalhada por Paulo Freire estimula a ação que vai indicar a perspectiva do caminho que se quer percorrer na busca da transformação.

Urge ressaltar que a desumanização imposta ao povo, o caráter desintegrador de valores subjetivos trazidos pela massificação e a posição de subserviência exigida pelo capitalismo ao ser humano nestes dois últimos séculos, acabaram por provocar a urgente e profunda necessidade de buscar uma saída afim de promover a libertação da classe oprimida .

Dentro deste contexto, a Educação Libertadora oferece esta saída a partir da transformação radical da realidade afim de melhorá-

¹⁵ FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980, p. 27.

la, tornando-a mais humana, criando assim uma nova realidade. Essa nova realidade é que Paulo Freire chama de utopia.

Infere-se, então, que a utopia, implica a ruptura com a consolidação do sistema opressivo vigente, estimula a busca a partir da experiência vivida, onde a teoria não está separada da prática. A utopia é possibilidade humana que impregna o homem na luta por um futuro mais humano.

Segundo Paulo Freire, vive-se um momento de desesperança, mas é preciso juntar forças para combater todas as formas de opressão e buscar na esperança a reafirmação da utopia para tornar melhor a existência humana.

Portanto, com vistas ao processo de transformação do homem a proposta educativa de Paulo Freire denota a Pedagogia da Libertação como uma Pedagogia da Esperança, centrando a sua proposta de humanização numa luta revolucionária na busca de uma sociedade cada vez mais livre, mais justa e mais feliz.

Dentro desta perspectiva, esse aspecto revolucionário de Paulo Freire é inédito, pois utiliza meios pacíficos, não sacrifica vidas, ao contrário liberta homens e mulheres assegurando-lhes dignidade. Paulo Freire inventou um sistema que leva o ser humano a ler, pensar criticamente, e dizer o que pensa, sem o peso do opressor descobrindo um mundo onde a liberdade, igualdade e justiça exista de fato e de direito para todos.

5 CONCLUSÃO

A preocupação básica que orientou este trabalho como foi definido na sua introdução, foi o de demonstrar a necessidade de uma reflexão filosófica sobre a educação numa nova pedagogia que permita a aprendizagem, quebrando o vínculo com as ideologias alienantes e transformando o processo educativo num vínculo de mudança global do homem e da sociedade, delineando reflexões sobre a educação como um constitutivo preponderante do processo de libertação, fugindo do ideário ideológico vigente e colocando a educação como instrumento indispensável para a construção de um mundo novo onde

o processo de conhecimento tem por base a concretização da liberdade humana.

Sustenta-se nessa reflexão aqui realizada na perspectiva pedagógica de Paulo Freire que permitiu intuir o seguinte: o sentido mais profundo da liberdade, onde a luta concreta do ser humano é fundamental e que o pensamento filosófico contemporâneo identifica as concepções a respeito das forças motrizes do homem, ou seja, o que leva o homem a se colocar em movimento. Isto nos fez entender que a consciência possível depende tanto do indivíduo (ou do grupo) como do momento histórico.

No entanto, a Pedagogia de Paulo Freire não esboça idéias prontas, nem tem a pretensão de dar respostas definitivas aos problemas, seu pensamento é dialético, atento à realidade e a sua dinâmica. A sua prática serve como ponto de partida para a descoberta de novos caminhos na construção do futuro, através do processo educativo.

Assim, pode-se perceber que o pensamento de Freire, constituiu-se num espaço rico e grandioso de dimensões analítico-

propositivas para a educação e esboça as bases de uma verdadeira pedagogia democrática.

SUMMARY

The present work has the aim to focus the historical evolution of Philosophy in Brazilian Education. We hwerre emphasize Paulo Freire's educational proposal concerning to one of the most important aspects which is freedom to the opressed people.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- DAMKE, Ilda Righi. **O processo do conhecimento na pedagogia da libertação: as idéias de Freire, Fiori e Dussel**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- DUSSEL, Enrique D. **Para uma ética da libertação latino-americana**. São Paulo: Loyola, 1977.
- _____. **Método para uma filosofia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1986.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. LOPEZ, Adriana (trad.). 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Educação e mudança**. GADOTTI, Moacir; MARTIN Lili-an Lopes (trad.). 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. **Pedagogia do oprimido**, 23. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. notas de Ana Maria Araújo Freire. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. SILVA, Kátia de Mello (trad.). 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. **A educação na cidade**: GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos Alberto (pref.). notas de Vicente Chel. 2. ed., São Paulo: 1995.

- _____. **Extensão ou comunicação?** OLIVEIRA, Rosisca Darcy de (trad.). CHONCHOL, Jacques. (pref.). 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. **Cidadão do Mundo.** Jornal O ESTADO DO MARANHÃO, São Luis: 25. jun., 1995.
- _____. **Ação cultural para a liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- KOTSCHO, Ricardo. **Essa escola chamada vida.** (depoimento) 7. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- KRONBAUER, Luis Gilberto. **Método Paulo Freire: o oprimido descobre que deve ver o mundo a partir de sua vida, e não da cabeça do opressor.** *Revista Mundo Jovem.* N. 181, p.12-3, 1988.
- LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire.** KRAMER, Paulo 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- NOGUEIRA, Adriano; GERALDI, João W. **Paulo Freire: trabalhos, comentários, reflexão.** Petropolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- OLIVEIRA, Adnardo Serafim de. **Introdução ao pensamento filosófico.** São Paulo: Loyola, 1981.
- PINTO, João Bosco Guedes. **Paulo Freire: Cidadão do mundo.** Igarassu, 1995.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO.** Educação libertadora, participação e justiça. AEC do Brasil. ano 22, n. 87, abr./jun., 1993.
- SAVIANI, Demerval et. al.. **Filosofia da educação.** 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SCHIED-KOWARZIK, Woldietrich. **Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. OLIVA Mônica Mattar (trad.) São Paulo: Loyola, 1979.

VICENTI, Luc. **Educação e liberdade: Kant e Fichte**. FERNANDES, Élcio (trad.). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994.

WEFFORT, Francisco C. **educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade**. prefácio de Educação como prática da liberdade de Paulo Freire. 22. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1985.